



Acontecimentos (políticos) de corpo”

Referência

Castro, H. Vieira, M. A. Acontecimentos políticos de corpo: o analista e a segregação. Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. N. 90, São Paulo, abril de 2013.

[Capa e índice](#)

Marcus André Vieira

Resumo

A ênfase do *acontecimento*, descontínuo, de corpo se conecta, por isso, com a continuidade de um “já lá” do *de corpo*. “De corpo” não é *do* corpo. O corpo de que se trata não é o que temos, o do espelho, com que nos levantamos e tomamos café. Não é o corpo que surge no estádio do espelho a partir do outro. É o corpo que só é em nossas dobras, ou “entre os órgãos”, mas que, por isso mesmo, está sempre ali em algum impreciso não-lugar corporal. Cabe então a pergunta: o acontecimento *desse* corpo se inclui na experiência?

0

Creio que somos hoje solicitados a dar uma volta a mais no que temos chamando de *acontecimento de corpo* desde que J. A. Miller destacou essa expressão na conferência de Lacan sobre Joyce.

Graças ao que Helenice destaca do texto de E. Laurent, vemos o quanto coloca-se a questão de avaliar de que modo incide o Outro nessa experiência limite de uma análise.

É questão mais que importante quando queremos interrogar para valer de que maneira a desigualdade radical de nosso país incide sobre a assimetria estrutural analítica entre analista e analisante, ou como o racismo estrutural incide em nossa lida com o lugar de resto, essencial à nossa prática.¹

Muito pouco poderia dizer se não tivesse participado diretamente, ao longo desse ano, do trabalho do seminário Psicanálise e Política da EBP-Rio, coordenado juntamente com Renata

♦ Apresentado no XXIV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, Belo Horizonte, novembro de 2022.

Mendonça, assim como do trabalho do cartel “As cores dos corpos” (Ana Lúcia Lutterbach-Holck, Cleyton Andrade, Flavia Cera, Vilma Dias, e Danielle Menezes como mais-um).

I.

Acontecimento: o uso consagrou a ideia de que a ênfase da expressão deve estar no destaque de alguma coisa que surgiu, emergiu. Mas esse acontecimento não se refere a alguma coisa que já estava lá de algum modo? Uma análise não é tão criacionista assim.

A ênfase do *acontecimento*, descontínuo, de corpo se conecta, por isso, com a continuidade de um “já lá” do *de corpo*. “De corpo” não é *do* corpo. O corpo de que se trata não é o que temos, o do espelho, com que nos levantamos e tomamos café. Não é o corpo que surge no estúdio do espelho a partir do outro. É o corpo que só é em nossas dobras, ou “entre os órgãos”, mas que, por isso mesmo, está sempre ali em algum impreciso não-lugar corporal.

Cabe então a pergunta: o acontecimento *desse* corpo se inclui na experiência? Pode ser vivido como “...naquele dia acordei, fiz a barba e vivi um acontecimento de corpo...”. O acontecimento de corpo, no plano em que o situamos, não é exatamente um fenômeno, uma experiência que se possa narrar. Ele se dá no limite, quase como uma dedução, uma meio-criação analítica. Se assim for, qual sua base concreta para que possamos dizer que este momento crucial de uma análise não é puro devaneio?

Será o acontecimento de corpo da mais absoluta singularidade, pura solidão? Ou terá ele alguma fração coletiva? Entendo que ele deva ser situado como uma singularidade que, no entanto, não deixa de ter alguma relação com o universal. Como diz Lacan a propósito do gaio sçaber em Televisão, ele “raspa” o sentido sem mergulhar nele.

A base concreta, transmissível do acontecimento de corpo está nessa fração talvez não imediatamente coletizável, mas ainda assim, no campo do Outro, envolvendo ao menos algo mais que o indivíduo em questão?²

II.

Neste sentido, querendo contribuir com as interrogações e propostas de Helenice proponho um fragmento do testemunho de Maria Cristina Giraldo.³

O Outro de MC Giraldo, encarnado em sua mãe, era “de ferro”. Para que MC e seu irmão não chupassem o dedo ao dormir, por exemplo, suas mãos eram atadas. Quando conseguiram se desvencilhar à noite, acordavam com pimenta e alho nos dedos. E se ainda assim insistissem, calhas de gesso foram usadas para impedi-los. Que não se coloque, porém, tudo na conta de uma mãe especialmente repressiva ou sádica. Vemos como ela é produto de seu meio quando exige da filha que realiza o ideal do “bebê johnson”, fazendo tudo para apagar a macha negra que marca a família, inclusive casando-se com um homem branco “europeu”.

Esse Outro é o da estruturação fantasmática de MC. O acontecimento de corpo assinala, porém, o ponto em que essa fantasia se abre a algo mais, que lhe excede. É um tanto de vida, de gozo, corporal, mas não mais delimitado pelo imaginário da fantasia. Ele se apresenta quando o programa de gozo da fantasia falha e o gozo se apresenta assim, sem o sentido

fantasmático da repetição. É o disfuncional da gente quando o que disfuncional, o sintoma, desvela que a vida é perturbação.

O acontecimento de corpo, portanto, não se estabiliza em uma imagem fixa, um sentido específico. Como falar dele sem cair em abstrações? Afinal ele é concreto corporal, também efeito de linguagem, mesmo que não tenha sentido ou forma fixa. É mais *lalíngua*, fragmentos de fala, do que discurso estruturado.

III.

Ela escolhe destacar, do corpo, a voz e a abertura que ela sofreu a partir do que era em seu discurso fantasmático. Poderia ter sido o objeto oral, o dedo, por exemplo, ou o corpo como sombra, sua identificação com o pássaro, todos insígnias fantasmáticas fortes. Ela não deixa de falar em uma subversão da sombra, que sempre tinha sido, com relação ao pássaro que alça vôo ou da mulher que se tornou a partir disso. Mas ela escolhe a voz para localizar o acontecimento de corpo.

Ela sempre tinha sido, a partir de seu Outro de base, de uma voz firme e sempre se sentira obrigada a dizer a verdade. A expressão que o sintetiza era *cantar las cuarenta* que significa dizer a verdade do a quem doer. O gozo de *Cantar las cuarenta* será subvertido por um cantar diferente, que ela chama de um *estiramento* da voz. É uma modulação específica que talvez só ela reconheça, não é um fenômeno objetivo, mas é aquilo que marca o quanto sempre podemos viver o que não é o que nos constitui e realiza na vida, mas que mesmo assim nos habita.

O acontecimento é esse corporal aparecer no corpo, torsão. O acontecimento de corpo de M C Giraldo é o que ela chama de estiramento da voz.⁴

Os acontecimentos *do* corpo são fenômenos corporais da fantasia e do gozo da repetição, enfim, do modo como ela tornou-se mulher em seu meio. Já o acontecimento *de* corpo é uma experiência limite, no limite da experiência e que ela nomeia como *estiramento* (ou entorse segundo algumas traduções) da voz. Isso existe? Não, mas se antes insistia como possibilidade de vida, agora ex-siste, não mais como a sombra do que ela poderia ser, mas como a realidade do que nela é quando está sendo outra para ela mesma.⁵

Qual o lugar do Outro nessa voz? É um Outro em seu limite, esvaziado de sentido, ou melhor, *estirado* ou ainda *entorseado*. É esvaziado, mas é o que confere ao acontecimento de corpo sua materialidade mínima, do que ex-siste à cena fantasmática. A fantasia se vê atravessada pelo gozo do *sinthoma*, assim como a língua materna pelos fragmentos de *lalíngua*. Tanto o avô quanto o gozo tornam-se meio inconsistentes, no entanto, sem nada dele e de seu jogo, nada haveria de Outro gozo.

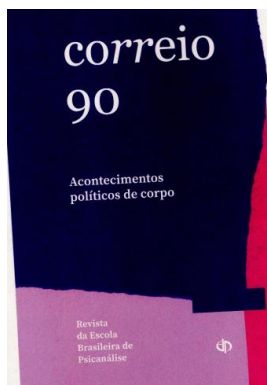
Não deixa de ser do imaginário que estamos falando, ou melhor, de algum resto que insiste *entre* real e imaginário.⁶ Em que ele é político? Difícil dizer, mas a subversão que promove no Outro, sua abertura à contingência de outras possibilidades de existência, não deixa de ter efeito na polis, para além do que viveu Maria Cristina, afinal diz respeito as marcas do Outro, racista, por exemplo, que recebeu de sua mãe.

IV.

Não seria essa dimensão do acontecimento (político) de corpo que impede que um negro aceite condescender com qualquer relativização do impacto de sua cor? Ou ainda com que lidam os que buscam a construção de uma ancestralidade apagada? O maior exemplo de sua força não seria justamente a do modo como o corpo negro se inscreve para nós como corpo da dor e da brutalidade? Os acontecimentos políticos de corpo, deste modo, correriam por baixo da experiência subjetiva do racismo, sustentando-a como seu pano corporal de fundo.

Neste contexto, o corpo do mestre seria o de uma universalidade enganosa, a de um “humano” vazio de qualidades, pura irmandade incolor, do silencioso ideal de branquitude universal. Em nosso país reza a voz da falsa miscigenação, a que alimenta a máquina de moer gente do racismo ao entoar sem cessar a cantilena de que somos todos irmãos.

Triste que haja em nosso meio quem prega que o sujeito seria esse humano sem cor. Pois o inconsciente e seus acontecimentos são barulhentos, têm voz mesmo que seja a estirada, a do som cabelo em crescimento; têm corpo, o da cicatriz; e têm cor. É cor de burro-quando-foge, é furta cor, mas é cor. O real na análise tem cor, mesmo que seja a do meteoro, a do psiu de luz de um vagalume, ou a do arco íris, todas e nenhuma.



REVISTA CORREIO 88

Diretoria EBP (abril de 2021 a abril de 2023)
Romildo Rangel do Rêgo Barros – Diretor Geral
Ana Tereza de Faria Groisman – Diretora Secretária-Tesoureira
Sandra Arruda Grostein – Diretora de Cursos e Intercâmbio
Graciela de Lima Pereira Bessa – Diretora de Bibliotecas

Conselho Deliberativo EBP

(abril de 2021 a abril de 2024)
Célia Salles
Glacy Gonzales Gorski – Secretária
Heloisa Caldas
Henri Kaufmann – Presidente
Luiz Francisco Camargo
Márcia Zucchi
Marta do Carmo Dias Batista
Marta José Gontijo Salam
Tânia Abreu
Teresinha Natal Meirelles do Prado

Equipe de Publicação da Correio

Cleyton Andrade
Cristiano Alves Pimenta
Fernanda Utari Brisset – Editora
Flávia Cira
Marcela Antalo
Marcos André Vieira
Teresinha Natal Meirelles do Prado

Julio Abreu e Leonora Weissmann/ Jili Design

Projeto gráfico: Julio Abreu
Imagem da capa (colagem): Julio Abreu

Revisor

Luiz Morando

Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise / Escola Brasileira de Psicanálise, v. 1, n. 1 (1993) - São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 90, abril 2023.

Semestral

ISSN 1981-9686

1. Psicanálise, 2. Psicanálise - periódicos, Orientação Lacaniana, I. Escola Brasileira de Psicanálise (EBP).

CDU 359.084
CDD 150.395

Escola Brasileira de Psicanálise

Rua Tupyro Samyrio, n. 1441, conj. 13 - Pinheiros
CEP 05.405-150 - São Paulo/SP - Brasil
Tel. (55 11) 3676-0297
ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br

Sumário

Instante de ler

- 13 "Podemos falar de uma identidade brasileira? Se sim, em que consiste?"
Eduardo Viveiros de Castro
- 18 O individualismo radical, o pluralismo e a dispersão no mundo
Mathieu Sirlot entrevista
Jean-Marie Guehenno
- 30 Mudança climática e imutabilidade de discurso
Gustavo Desal
- 58 Identiterra
Laurent Dumoulin

Atualidade da psicanálise

- 67 Apresentação do Seminário de Lacan *A lógica do fantasma*
Eric Laurent

Questões de sociedade

- 75 Acontecimentos políticos de corpo: o analista e a segregação
Helenice de Castro e Marcus André Vieira conversam com Cláudia Monteiro
Luis Fernando Garrido
Jéssus Santiago
Henri Kaufmann
Marcelo Veras
Romildo do Rêgo Barros

Questões de Escola

- 111 Presença do analista e experiências do inconsciente
Clotilde Leguil
- 138 Clotilde Leguil conversa
Márcia Josefina Sota Fuentes
Elisa Alvarenga
Marcia Antelo
Rodrigo Lyra
Sérgio Campos

Todo mundo é louco

- 143 O operador da perplexidade
Ricardo Seldes
- 148 "Todo mundo é louco" como "Direção da cura"
Sérgio de Campos

¹ Vale lembrar que quando da versão brasileira dos *Outros Escritos* decidimos pela tradução de *événement corporel* como "evento corporal". Hoje pode parecer absurdo, mas a expressão comporta uma ambiguidade que se perde um pouco quando se torna conceito como ocorreu nas últimas décadas em nosso meio. Acontecimento ou evento? O primeiro é mais "tudo-ou-nada", o outro mais processo, um evento entre outros.

² Creio que a metáfora da *cicatriz* reúne e concentra em grande parte quase todas essas ambiguidades e mostra como é exatamente essa fração semi-histórica do acontecimento de corpo que lhe é sua materialidade.

³ Sugerido por Renata Mendonça para o seminário Psicanálise e política da EBP-Rio.

⁴ O que consigo concluir? 1) O des-ser a que se refere Lacan com relação ao final de uma análise, não é puro des-ser. 2) Está relacionado ao Outro de lalingua. 3) Não é o absolutamente sem cor. Assumir que o sem-cor é nosso sujeito é um perigo, pois é exatamente o que define o branco no racismo de nossas terras.

⁵ É o que "comemora", como dizemos com Miller "o impacto do gozo de lalingua em meu corpo falante de mulher", como diz M. C. Giraldo.

⁶ Se a análise é o que o simbólico, a palavra, pode mobilizar do real a partir do que ela tem de imaginário, estamos destacando aqui outra dimensão da análise.